

Paul Lamache, o testemunho de alguém próximo

Em 1933, um leitor reage à tribuna dedicada a Paul Lamache, do jornal local “La Croix de l’Isère”, e oferece seu próprio testemunho. Este valioso documento nos permite familiarizar-nos ainda mais com este membro fundador da primeira Conferência de Caridade. Este homem, profundamente unido a Deus, fez da prática da Caridade, a orientação de toda sua vida. Ainda hoje, segue sendo uma fonte de inspiração para todos os Vicentinos... ”

Ao Senhor Diretor de “La Croix de l’Isère”:

Senhor Diretor,

O senhor teve uma grande inspiração ao inserir em seu jornal a interessante resenha dedicada a evocar a memória de M. P. Lamache. Permita a este grenoblês que o conheceu detalhar alguns traços de sua fisionomia, trazer à memória alguns fatos característicos daquela vida que nunca teve outros objetivos que não fossem a glória de Deus e a salvação das almas.

A natureza de Paul Lamache era bela e rica. De grande estatura, hábil em todos os exercícios corporais, bom em esgrima, dotado de um temperamento ao mesmo tempo sanguíneo e nervoso, de figura franca e aberta, ele agradava à primeira vista e esta impressão, longe de apagar-se, trazia em seguida a simpatia e o respeito.

Ao ver, inclusive até o final de sua vida, este belo ancião, normando de pura estirpe, não se podia deixar de pensar naqueles intrépidos aventureiros que, a partir do século X, haviam arriscado seus navios pelo Oceano, contra vento e maré, e que acabaram por conquistar reinos nas costas do Mediterrâneo. Talvez por atavismo, Paul Lamache sentia, desde sua primeira juventude, uma grande admiração por um bonito navio de guerra ancorado na baía de Cherbourg, que o fez decidir a apresentar-se aos exames de admissão na Escola Naval. Após obter no Instituto Real de Ruão o primeiro prêmio de excelência, foi aprovado e admitido no concurso. Para a entrada no Instituto, este êxito não era suficiente. Faltava a cota de popularidade. Lamache não a obteve. Ela foi negada pelo prefeito liberal de Saint-Pierre-Eglise, que não admitia que fosse concedida ao filho de seu predecessor, a quem a Restauração havia condecorado com a Cruz de Saint-Louis. Aqui vemos que o General André e seus partidários têm precursores no sistema de fichas e no regime abjeto. Paul Lamache, indignado, estava decidido a castigar o prefeito denunciador, autor da injusta exclusão: “muitas vezes dei graças a Deus por ter desviado da carreira marítima que teria me privado da oportunidade de fazer algum bem.” Este “algum bem”, é simplesmente a parte que desempenhou na fundação da Sociedade de São Vicente de Paulo. Não nos esqueçamos que também teve a honra de cooperar no estabelecimento das Conferências de Nossa Senhora de Paris. Foi eleita uma delegação composta por três dos membros mais antigos da Conferência São Vicente de Paulo: Ozanam, Lallier e Lamache, para que fossem, ante o arcebispo de Paris, intérpretes dos desejos e esperanças da juventude católica. Representemos a Lamache caminhando entre Ozanam e Lallier, aos quais dominava por sua estatura (uma cabeça acima), elegância e graça. “O que chamava a atenção nele, disse o Sr. de la Villermarqué, era precisamente esta graça, Ozanam era sombrio e tinha um ar inspirado, Lallier era muito afável. Paul Lamache atraía. A recepção ocorreu na histórica data de 13 de janeiro de 1834. Foi seguida de várias conversas, algumas tentativas infrutíferas e, finalmente, no mês de janeiro de 1835, a resposta afirmativa de Lacordaire à proposta do Monsenhor de Quélen, selou durante cerca de um século os destinos do ensino superior cristão. O Sr. Lamache, primeiro estudante de direito, depois advogado no Tribunal, entabulou em Paris importantes relações que,

por sua modéstia, deixou de cultivar. Autor de dois folhetos a favor da liberdade de ensino, ele combateu a boa luta ao lado dos Montalembert e os Dupanloup. Teve o prazer de voltar a ver este último no castelo de La Combe, onde compareceram durante meio século muitos católicos distintos, e onde o ilustre bispo de Orleans exalou o último suspiro em 1878. Eu o ouvi contar sua entrevista com Montalembert ao qual foi a pedir que dirigisse suas palavras, um domingo pela manhã, a seus queridos trabalhadores. Montalembert, absorto pela preparação de um discurso, se negou com certo mal humor. Lamache, ferido muito profundamente, não pôde deixar de responder: “Eu compreendo, Senhor Conde, que este auditório não lhe pareça digno de sua pessoa”. E se retirou bruscamente. Apenas havia caminhado alguns passos, quando Montalembert o alcançou e, com lágrimas nos olhos, perguntou: “Como pôde crer, Sr. Lamache, que minha negativa contivesse desprezo a jovens cristãos? A verdade é que eu não me sinto digno de ensinar-lhes o caminho da salvação. Eu, lamentavelmente, só sirvo para manter controvérsias com os ímpios da Assembleia Constituinte.” Com a morte de Montalembert, o Sr. Lamache, que havia enviado à sua viúva seus mais sentidos pêsames, recebeu de seu genro, o Sr. de Meaux, uma carta extremamente emotiva que terminava assim: “Em quanto ao senhor, companheiro do Sr. de Montalembert em suas velhas lutas, deixe-me estreitar-lhe a mão, como a um amigo cuja lembrança e orações não faltarão ante Deus.”

A lembrança do grande orador católico traz este excelente livro: O relato de uma Irmã, que teve tanto êxito há mais de meio século. O Sr. Lamache gostava de contar que um dia em Paris, recebeu em seu sótão de estudante, a fim de obter informação sobre uma obra, a visita da condessa Albert de la Perronnays, de solteira Alexandrine d’Alophen, viúva do amigo íntimo de Montalembert. Lamache ofereceu à grande dama sua única cadeira e ele se sentou na borda de sua cama. Característica dos costumes de uma época tão diferente da nossa. Outra característica da vida de estudante: um de seus companheiros de juventude, que vinha de uma família normanda muito distinta, mas completamente desencaminhado, subiu a seu quinto andar para fazer-lhe uma proposta desonesta. Lamache, que muitas vezes havia repreendido seus deslizes de conduta, considerou que a medida era o cúmulo. Como resposta, ele o tomou pela cintura e o atirou pela escada. O mesmo não aconteceu com outro de seus amigos, de bom coração, mas de cabeça fraca, que levava uma vida muito perdulária e que havia perdido no jogo uma quantia importante. Seus gestos, suas palavras eram as de um desesperado. Lamache, compreendendo que se tratava de salvá-lo da desonra, foi simplesmente abrir sua escrivaninha e lhe entregou todas as suas economias, mil francos que havia ganho com trabalhos literários e com aulas particulares de direito.

Paul Lamache levava no mundo a simplicidade e a espontaneidade de sua natureza, que nenhuma convenção mudou jamais. Em nenhum momento de sua vida, ele temeu a batalha. Igualmente, existia uma grande unidade entre sua vida pública e privada, entre seus feitos e seus gestos, desde o menino de dez anos, aluno do instituto de Ruão, insurgindo-se contra as ameaças de seus companheiros que queriam impedi-lo de ir à missa, e a cuja nota circular ele respondia apenas com suas palavras escritas em grandes caracteres: **irei**, até o catedrático de Grenoble que, do alto de sua cátedra, e ante os aplausos de seu auditório de estudantes, fez ouvir seu enérgico protesto contra os decretos de 29 de março de 1880, estimando que “para ele, era um dever imperioso, como professor de direito, ensinar direito e manter o respeito aos princípios de equidade estabelecidos pelo texto de nossas leis”.

Uma declaração pública tão audaz bem que merecia um castigo. Pouco depois, chega a Grenoble um inspector geral das faculdades de direito a quem o Ministro havia encomendado a missão de livrar a Faculdade de Grenoble de um professor inoportuno. Felizmente, este alto personagem, oriundo de Grenoble, ao qual o Sr. Lamache não conhecia, ainda que não fosse clerical, era um homem de bem, um jurista excepcional. Ele se infiltrou anonimamente entre os estudantes no curso do professor suspeito e, na saída, foi buscar este último e lhe disse: “Senhor, não vou esconder que vim com a intenção de provocar sua demissão, mas assisti sua aula. Gostei tanto que vou solicitar sua promoção à primeira Classe”. Com efeito, isto foi o que ocorreu. O Sr. Lamache ficou agradavelmente

surpreendido por esta promoção, este título que, naquela época, se concedia poucas vezes nas Faculdades de província, inclusive aos Decanos. Mas ele, que não tinha fortuna, me disse ingenuamente, quando me contava: “realmente, é demais, doze mil francos para um professor de direito”. Não ia poder disfrutar por muito tempo deles.

Quando, em 1886, as exigências do recente decreto sobre o limite o obrigaram finalmente a deixar sua cátedra, não tinham envelhecido nem sua doutrina, nem sua palavra. “Eu seguirei, em meu curso, escreveu em 1883, criticando suas iniquidades cada vez que surja a ocasião jurídica”. E assim foi até o final. O jurista de 76 anos teria podido ainda ter uma longa carreira. Seus colegas, o Reitor da Academia, o Inspector geral pediram em vão ao Ministro que o mantivesse em suas funções “no interesse do ensino”. Não se pôde obter tal dispensa da lei. Sua jubilação não foi para ele mais que uma razão para dedicar-se a suas obras, em particular à Conferência de São Vicente de Paulo que ele havia fundado em sua paróquia Saint-Bruno, aos patrocínios, aos círculos de jovens. Sua palavra, sempre emotiva e vibrante, penetrava nos corações. Lembro da satisfação que ele expressava depois de uma destas reuniões nas quais tomava a palavra. “Consegui, me disse, animar a meus ouvintes, desenhar um grande sorriso em seus lábios, e compreendi que havia ganho minha causa”. Sempre era assim, cheio de entusiasmo e de confiança na Divina Providência. Como os homens de sua geração, ele sabia rir. Sua profunda piedade se aliava a uma alegria doce e amável, bem francesa e de boa lei, indo às vezes até piadas um pouco arriscadas. Um dia, a caminho de Lyon, se alegrava de voltar a ver ali a seu antigo confessor, o Padre J. “Diremos nossas tonteiras juntos, como antes”, confessava ele. Este amável ancião seguiu sendo jovem de coração e de ação até o final. Ele cultivava seu jardim, alimentando a mesa familiar com diversas verduras “sem descuidar inteiramente das flores às quais ele aceitava dar algum lugar na vida”. Palavras encantadoras, de uma filosofia feliz. Ele contava com gosto que, devendo fazer uma substituição na Reitoria da Academia, aconteceu que deixou a roupa usada de jardineiro para receber devidamente como reitor suplente o mensageiro oficial e fazer as assinaturas necessárias. As excursões à montanha, que o Sr. Lamache sempre tinha gostado de fazer, tanto na Alsácia como em Dauphiné, ele não abandonou depois de sua jubilação. Era bom vê-lo de volta de uma longa jornada, ao chegar à planície, subir agilmente para a parte dianteira da carruagem ao lado do cocheiro.

A vida interior, no Sr. Lamache, era cada vez mais intensa. Estava fundada em uma profunda humildade e mantida pela frequente recepção dos Sacramentos. “O essencial, escrevia a um amigo, é humilhar-se, colocar-se ante Nosso Senhor Jesus Cristo como um pobre mendigo, cheio de confiança em sua bondade e em ser guiado principalmente pelo desejo de agradá-lo no cumprimento dos modestos deveres de cada dia”. Ninguém foi mais feliz que ele com os progressos da Sociedade de São Vicente de Paulo. Mas sua alegria sempre foi humilde e sem nenhuma gratificação pessoal. Último sobrevivente dos sete fundadores, ele facilitou, em 1883, toda a informação relativa à criação da obra, mas se negou a ir a Paris para assistir às Bodas de Ouro da Sociedade.

Vendo-o sempre com um carácter jovem, cheio de vivacidade, sem sombra de doenças, sua família e seus amigos se deleitavam com a esperança de conservá-lo durante muito tempo. Como sucede com a velhice sã e vigorosa, a enfermidade o abateu de repente. No mês de julho de 1892, seguindo um costume já antigo, ele se entregava, em Rondeau, na piscina do Pequeno Seminário, a vigorosos exercícios de natação que logo seguia com um lanche de lácteos frescos na granja vizinha. Quando voltou a sua casa, se sentiu mal. Um edema no peito foi diagnosticado. Ele não podia acreditar na gravidade do mal, resultado daquele banho gelado que praticava com tanta frequência que, como ele dizia, lhe fazia tão bem. Igualmente, só ficou na cama em último caso. Sempre submetido à vontade de Deus, ele recitava sem cessar invocações piedosas, especialmente esta “meu Jesus, Misericórdia”, que foi gravada em sua tumba. Acabava de cumprir 82 anos. Ele mereceu o elogio que Pio IX fez um dia ao saber da morte de Montalembert: “Era un vero campione” (Era um autêntico campeão).

Artigo publicado no correio do leitor, em “La Croix de l’Isère”, 1933.